

Identidade e Alteridade nos ciganos brasileiros

Lina Maria Lorenzon Sibar

(Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências Unesp)

Introdução

Muitas vezes, o imaginário comum *gadje*¹, ao deparar-se com chamados *ciganos*, seja nas calçadas pedindo esmolas ou oferecendo serviços de quiromancia (leitura de mãos), acaba despertando reações diversas, como a admiração pela sua “liberdade”, “alegria” e “tradição” ou, ao contrário, a sua repulsa, ao tratá-los como “marginais”, “acomodados” ou “parasitas”. Em síntese, eles são representados pelo imaginário *gadje* através de imagens paradoxais e preconceituosas.

É perceptível como essas representações sobre ciganos são capazes de fundir esses diversos aspectos, contribuindo para generalizações, estereótipos, preconceitos e perseguições que têm sido sofridas por milhares de pessoas ao longo de séculos de sua existência. Para ultrapassar estas limitações na compreensão da complexidade cultural dos chamados *ciganos*, é necessário pensar a cultura de maneira diversificada, formada e reformulada pelas experiências, convívios e viagens desse povo milenar. Ela deve ser pensada em termos de um *mosaico multicultural*, configurado por uma tradição historicamente diversificada e em permanente transformação.

A etnia denominada cigana apresenta formas de variações e características que englobam diferentes grupos de pessoas e identidades, assim encontramos os ciganos divididos em diversos clãs. Os ciganos se dividem em *Rom*, *Sintó* e *Calons*; vemos no Brasil um maior número de *Rom* e *Calons*. Segundo Moonen (1982) no território brasileiro encontram-se os *Calons*, que migraram para o país degredados de Portugal e hoje se encontram em todo o território brasileiro e os *Roms*, que migraram para o país voluntariamente ou compulsoriamente a partir de meados do século XIX, onde encontramos vários clãs como os *Moldovano*, originários da Europa central respectivamente da Moldavia, os *Hoharanó*, que vieram das terras turcas destacando com a criação de cavalos, e os *Kalderash* e *Matchuiya*, originários da Romênia e da antiga Iugoslávia. Optamos por uma abordagem empírica tomando como objeto da pesquisa dois clãs distintos de ciganos: os *Polk Kiwiek*, *rom kalderash* residentes em

¹ Não ciganos. No decorrer do texto, o uso de expressões em romani, a língua cigana, estará destacado em itálico.

Sorocaba, interior de São Paulo; e os *Rolim, calons*, residentes em Santo André, grande São Paulo.

Tratando-se da questão de identidade étnica e de etnicidade nos apoiamos na perspectiva adotada por Barth (2000), que privilegia o nível das relações sociais como base sobre a qual haveríamos de inquirir sobre o grupo étnico e sua identidade. Segundo Poutignat e Freynart, a etnicidade, para Barth assegura a unidade efetiva do grupo tanto quanto pressupõem seu caráter constituído. A especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas esses papéis não podem ser dissociados dos processos de manifestações de identidades. Tais processos, por isso, são organizacionais precisamente na medida em que não derivam da psicologia dos indivíduos, mas da constituição de espaços cênicos e das operações que os autores ali realizam uns com os outros (1998, p.112). Além desta perspectiva buscaremos apoio também em Cardoso de Oliveira que ressalta que a etnia é um “classificador” que opera no interior do sistema interétnico e ao nível ideológico, como produto de representações coletivas polarizadas por grupos sociais em oposição latente ou manifesta (1976, p XVIII). Assim, com relação aos ciganos como um todo, e respectivamente com os ciganos *roms* e *calons* estudados adotaremos essas perspectivas apoiadas com as contribuições de demais autores sobre esta discussão. Diante disso, podemos afirmar que os ciganos constituem minorias étnicas diferenciadas entre si, porque têm uma origem e uma história em comum; porque se identificam e são identificados como diferentes dos outros membros da sociedade nacional; porque possuem elementos e valores culturais diferentes dos demais membros da sociedade nacional - embora esses elementos e valores culturais possam ser os mais diversos, de acordo com cada grupo cigano; e porque desde o seu aparecimento na Europa no início do século XV, têm sido vítimas de estereótipos, preconceitos e discriminações.

Breve histórico dos ciganos no Brasil

Após séculos de perambulação pela Europa os ciganos chegaram ao Brasil no século XVI, como degredados da metrópole portuguesa. Existiam disposições régias proibindo a entrada de ciganos em Portugal e aqueles que lá estavam, se tentassem manter seus modos de vida deveriam ser expulsos para o Maranhão. Segundo Moraes Filho (1981) as prováveis datas de chegada dos ciganos ao Brasil são retiradas de documentos portugueses, onde sendo eles perseguidos por roubos e feitiçarias foram

condenados, e em 1574 temos notícia do cigano João Torres² sendo condenado em cinco anos de degredo para o Brasil acompanhado de mulher e filhos. Ao que tudo indica a deportação de ciganos de Portugal para o Brasil tomou maiores proporções mesmo a partir de 1686, pois encontram-se dois documentos portugueses datados deste ano informando que os ciganos deveriam ser degredados ao Maranhão. Moonen (1982) nos dá a informação que em 1726 há notícias de ciganos em São Paulo, quando foram solicitadas medidas contra os que apareceram na cidade.

Na história dos chamados ciganos experimentamos e imaginamos uma tradição cultural complexa com base em representações, memórias e impressões cristalizadas em uma consciência coletiva, como o produto de disputas e dissensões no campo das relações interétnicas. Vemos assim a imagem do cigano como um espelho negativo da sociedade ocidental, sedentária e moderna, que inscreve seus diacríticos no corpo do indivíduo e de seu grupo, nomeando, portanto à força de opressão física e simbólica o espaço marginal destinado àqueles que perderam a luta antes mesmo de terem reconhecido sua posição no jogo (BOURDIEU, 2003). Com isso o cigano é visto como um “selvagem” desde os primeiros contatos no Ocidente, identificado como sarraceno imoral, ignorante e herege, facínora e covarde (HANCOCK, 1987). A atribuição de comportamentos desviantes aos ciganos, parece ser na realidade, uma estratégia que visa sua descaracterização como indivíduo portador de uma tradição cultural, original e autêntica.

No Brasil o conhecimento relacionado aos assim chamados ciganos ainda é muito escasso. Este fraco aprofundamento justifica-se pelo fato de estarmos perante um grupo minoritário e culturalmente dissociado de nossa sociedade. O desconhecimento do universo simbólico cigano está estritamente associado a atitudes de incompreensão, não reconhecimento, discriminação e rejeição perante este grupo de pessoas. Não encontramos um número significativo de estudos sobre ciganos e em alguns poucos livros e artigos encontrados vimos uma generalização apontando costumes e características do grupo estudado como de todos os chamados ciganos. Quase nada sabemos sobre os ciganos brasileiros na atualidade. Também não existem dados sobre o número de ciganos no Brasil atual, nem sobre sua distribuição geográfica. Os censos demográficos brasileiros nada informam sobre ciganos nem sobre indivíduos que se identificam ou se auto-identificam como tais.

² O Primeiro Premio Culturas Ciganas, criado pelo Ministério da Cultura em 2007, fez uma homenagem a este primeiro cigano chegado ao Brasil intitulando o Premio como Premio Culturas Ciganas João Torres.

Como já dito na introdução, encontramos no território brasileiro, ciganos *rom* e *calons*, porém segundo autores ciganólogos, os *roms* são os mais estudados e descritos. Isto ocorre porque esses ciganos costumam considerar-se a si próprios “ciganos autênticos”, “puros” e classificar os outros como apenas “ciganos espúrios”, de segunda ou terceira categoria. Segundo Acton (1974), a grande falha da literatura sobre ciganos, oficial e acadêmica resulta da generalização, onde observadores tem sido levados a acreditar que práticas de grupos particulares são universais, com a concomitante sugestão de que qualquer grupo que não possui essas práticas não são verdadeiros ciganos. Aqui, vemos que a cultura *rom* passa a ser a “verdadeira cultura cigana”, a cultura modelo, e os *calons* são considerados como meros coadjuvantes. Moonen nos mostra que desconhecemos estudos detalhados sobre as diferenciações entre ciganos em países específicos (por exemplo, entre *Kalderash* e *Calon* no Brasil), mas é mais do que provável que em todos os países existam ciganos ricos e pobres, conservadores e progressistas, analfabetos e outros com diplomas universitários, politicamente passivos ou ativos, nômades e sedentários (1996, p.11).

Liégeois (1988) demonstra que toda a população cigana é complexa e o propósito em uma síntese se torna redutora e parcial, não se pode falar mais que em nome de um grupo cigano em particular, e toda generalização torna-se abusiva. Segundo o autor, o absurdo provocado por uma banal depreciação semântica, tem sido buscar durante muito tempo o verdadeiro cigano. As populações ciganas formam assim no mundo um mosaico de grupos diversificados, mas, esse mosaico constitui um conjunto cujo elementos, de certo modo, estão unidos uns aos outros. Assim como o autor, acreditamos que ao analisar o papel e os elementos que separam os diferentes grupos ciganos, bem como aqueles que os unem, veremos que as divergências e semelhanças existem mais em relação de complementaridade do que de antagonismo, desse modo os aspectos contribuem para definir a posição do grupo perante a sociedade: cada grupo adquire sua identidade pelo jogo das oposições distintas. A variedade, portanto, está institucionalizada; o assim chamado cigano vive sua cultura através de um sistema de oposições distintas, o que faz com que cada um apresente uma imagem da sociedade que é a imagem particular do grupo social a que pertence; sendo assim, se pode ter várias concepções e percepções dos ciganos.

Como resposta às perseguições sofridas pelos que se encontram a sua volta, e presos numa dinâmica geral de troca social e cultural que os afeta, os ciganos têm criado nestes últimos anos organizações próprias. Encontramos hoje em dia algumas ongs,

centro de estudos e associações ciganas ou pró-ciganas espalhadas por quase todos os países. No Brasil o movimento cigano está ensaiando seus primeiros passos, pois existem várias organizações ciganas, mas apenas com uma pequena participação local ou regional, e nenhuma que represente todos os ciganos brasileiros. Entendemos essa manifestação como uma forma de resistência contra os longos períodos de perseguições sofridos pelos ciganos. Contudo vemos que não existe uma cultura ou etnia homogênea cigana, o que acaba atrapalhando uma manifestação sobre os direitos e reivindicações ciganos. Medidas concretas contra a discriminação do grupo vêm sendo discutidas e adotadas pelo governo brasileiro, buscando compreender a complexidade de sua inserção no “mundo dos *gadje*”, as implicações de seu nomadismo e promover ações positivas no combate ao racismo, à pobreza e à desigualdade. Todavia, surgem dúvidas de como conciliar, numa democracia, a comunidade cultural com a nacional? Como preservar o laço social indispensável a toda unidade política? As reflexões contemporâneas sobre a temática da diversidade cultural concentram uma discussão fundamental sobre como promover o reconhecimento e o respeito às diferenças humanas no ordenamento social. Nesse sentido, o governo brasileiro é chamado a lidar com a pluralidade, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrindo espaços para manifestações e valorizações da diferença.

Assim, a idéia de reconhecimento está voltada à busca pela satisfação e valorização das necessidades particulares dos indivíduos – neste caso os ciganos – enquanto membros de grupos culturais específicos, ou seja, de seus valores e diferenças culturais. Percebemos com isto, que a questão do multiculturalismo contemporaneamente, constitui como um dos maiores desafios do Estado brasileiro no sentido de como gerenciar a diversidade cultural e seus conflitos dentro de um país em busca de uma unidade social, colocando à vista a necessidade de incorporação dessas diferenças pelo sistema democrático atual.

Por outro lado, os problemas enfrentados pelas organizações ciganas ou pró-ciganas não são poucos. Em primeiro lugar, (1) existe a enorme diversidade lingüística, que torna uma efetiva comunicação nacional ou internacional entre ciganos praticamente impossíveis. Em segundo lugar (2) há uma grande variedade de problemas, aspirações e interesses familiares, locais, regionais ou nacionais: o que uma família ou grupo, ou o que os ciganos de determinado país podem achar importante, pode não ter o mínimo interesse para os outros, e os problemas de um, não precisam ser, também, os problemas dos outros. Em terceiro lugar (3), as lideranças ciganas sempre se

organizaram em grupos ou famílias e não tiveram uma organização política a nível regional e menos ainda internacional. Os atuais novos líderes ciganos, geralmente intelectuais com títulos universitários e até alguns professores universitários, que se comunicam com o mundo cigano e não-cigano publicando artigos e livros, constituem uma ameaça para os líderes tradicionais, geralmente idosos analfabetos, pelo que será comum estes novos e jovens líderes serem acusados de traírem as tradições ciganas. Em quarto lugar (4) conflitos internos surgem quando associações passam a receber recursos financeiros de entidades não-ciganas civis, religiosas ou governamentais; acusações de apropriações indevidas ou de corrupção se tornam inevitáveis. Finalmente, em quinto lugar (5) há o problema universal e não exclusivamente cigano, de rivalidades e competição entre lideranças.

Resistência Rom, Direito Cívico e Políticas Públicas

As viagens, para os ciganos possuem significados econômicos, sociais e políticos, mas simbolicamente significam muito mais, pois a conquista do território (espaço) possibilita a experiência de um sentimento singular (étnico): o *romanes*³. O momento da viagem é o momento de experimentar esse sentimento de pertença, esta confraternização que incorpora os mitos do passado, as lendas ancestrais, às ações e atores presentes. É uma pena que os *gadjes* não pensem desse jeito. A maioria dos países que recebem os ciganos sente-se invadidos, buscando formas de repressão diretas ou indiretamente para expulsá-los de seu território. A manifestação do *romanes* aparece aqui como uma forma de resistência, defesa contra essa repressão.

Cansados de tamanha perseguição, a partir da década de 30, na Europa, surgem várias organizações políticas ciganas. Muitas delas tentando elaborar um programa político transnacional, ou seja, almejando resultados que fossem além das disputas familiares, trabalhando pela melhoria de seus direitos e o reconhecimento de sua situação marginalizada como minoria étnica. Inicialmente, as organizações surgiram através das mãos de uma ou mais pessoas associadas aos laços familiares. Estas

³ O *romanes* incorpora a condição do ser cigano, estando presente nos comportamentos mais corriqueiros e nos momentos mais tensos e conflituosos. O *romanes* possui um significado moral fundamental para a construção da identidade e invenção da comunidade, pois ele age como um símbolo dominante, condensando valores, sentimentos e experiências da ciganidade.

organizações correspondiam mais às relações comunitárias locais, baseadas principalmente nas relações de parentesco e afinidade. Assim, tomaram forma algumas organizações, associações e jornais ciganos, especialmente no leste europeu.

Após a II Guerra Mundial, algumas organizações ciganas se formaram na Europa (especialmente na Alemanha) com o objetivo, entre outros, de obter reconhecimento dos governos internacionais e ressarcimento para as vítimas do holocausto⁴, como os judeus. Mas é a partir da década de 1960 que estas organizações passam a representar alternativas políticas de ação na dimensão internacional.

Em meio à discriminação de séculos de história, lideranças ciganas de vários estados brasileiros estão se articulando nesse início de milênio para levar finalmente cidadania a seu povo. Os ciganos querem maior visibilidade, reconhecimento e condições de saneamento, educação e saúde nos acampamentos. Querem acesso à cultura, e verbas pelos programas de incentivos governamentais para contar sua própria história.

A partir da Constituição Federal do Brasil de 1988 minorias étnicas passaram a adquirir direitos de proteção e defesa de seus interesses, assim garantindo aos ciganos nascidos no Brasil os mesmos direitos dos demais cidadãos. Com o início do século XXI políticas públicas voltadas aos ciganos foram criadas a partir de 2003 com a criação da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), com o desafio de promover o diálogo e o debate com setores representativos da diversidade cultural brasileira desprovidos de políticas públicas. É

⁴ Aproximadamente, 1/3 da população cigana européia (especialmente alemã) foi exterminada nos campos de concentração nazista. Como aponta Liégeois: “El período de 1933 a 1945, el de la Alemania nacionasocialista, es para los gitanos sinónimo de un exterminio que rebasa largamente las carcerias homicidas de los siglos anteriores. Considerados miembros de una raza inferior, de una mezcla de razas inferiores, pese a su lenguaje indoeuropeo cercano al hindí, considerados biológica y socialmente peligrosos, primeiramente los fichó en Alemania el instituto del doctor Robert Ritter (más de 30.000 genealogias reunidas en 1942) y se les ficho una residencia. En 1938, el “peligro gitano” fue objeto de una ley que en 1939 y 1940 desemboca en deportaciones a Polónia. La ordenaza del 16 de diciembre de 1942 y sus prescripciones de aplicación de enero de 1943 concluyen la política nazi em lo tocante a los gitanos: el primero de marzo de 1943, con algunas excepciones, todos los gitanos de Alemania son detenidos e deportados, principalmente a Auschwitz. En este campo perecen más de 20.000 gitanos. En los países ocupados, total o parcilmente, por ejércitos alemanes, son tomadas medidas semejantes. El numero de los gitanos exterminados durante este período se calcula entre 250.000 y 300.000” (LIÉGEOUS, 1988, p.115-116).

criado então, o Grupo de Trabalho Interministerial Cigano (GTI), sob a coordenação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), fazendo parte desse grupo, a SID/MinC, Saúde, Educação, Cidades, Previdência, Trabalho e Emprego, Desenvolvimento Social, e Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

No ano de 2004 foi organizado o Grupo de Trabalho para as Culturas Ciganas, GT Cultural Cigano (GTC), por meio de Portaria Ministerial, coordenada pela SID, em parceria com os povos ciganos tendo por finalidade indicar políticas públicas para as expressões culturais dos povos ciganos.

O GT cigano realiza em maio de 2006, dois encontros, onde foi proposto que haja uma discussão entre representantes da cultura cigana e representantes do governo, para que sejam norteadas questões que propiciem um resgate e um ressalve no âmbito cultural cigano. Culminou então, na criação de relatórios finais contendo propostas de diretrizes e ações de políticas públicas que traduzam as atuais necessidades que existam para efetivar o reconhecimento da cultura cigana.

Em 21 de março de 2007, é realizado um encontro de lideranças ciganas no Palácio do Planalto, quando é instituído por meio de decreto presidencial o Dia Nacional do Cigano (24 de maio). Também é preparada e enviada pela SID/MinC, a Carta Referendum, dirigida a prefeitos municipais, solicitando a permissão de atividades artístico-sociais ciganas em espaços públicos, na qual expressa: “o reconhecimento e a valorização, por parte do Governo Federal, do povo cigano, que pela diversidade, singularidade e riqueza de sua arte, contribui de forma efetiva para a construção da identidade cultural brasileira.”

Após esses exemplos, vemos que os ciganos no Brasil “acordaram”, resolveram buscar seus direitos e também uma preservação de sua cultura. As iniciativas governamentais ainda são tímidas, porém estamos caminhando para uma expansão na ajuda e conservação do povo cigano. Assim, como nos mostra Moonen, um dos maiores estudiosos sobre ciganos no Brasil:

O Movimento Cigano esta ensaiando seus primeiros passos: existem varias organizações ciganas, mas apenas com atuação local ou regional, e nenhuma que representa todos os ciganos brasileiros. Um Decreto publicado no Diário Oficial da União de 26.05.2006 instituiu o dia 24 de maio como dia Nacional do Cigano, mas esqueceram de informar a imprensa e os estabelecimentos de ensino, como também os próprios ciganos, que ignoraram o fato em 2007. Sem exagero algum, pode-se afirmar que os ciganos constituem a minoria étnica menos conhecida, e talvez por isso mais odiada e discriminada do Brasil (MOONEN, 2008).⁵

⁵ Os Ciganos na Europa e no Brasil, 2008. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos.

Considerações finais

Podemos concluir que existe hoje, entre as organizações ciganas, uma concordância comum entre as várias comunidades e os indivíduos sobre o que deve ser considerado e desejado politicamente. Isto é, um status de minoria transnacional, como vem sendo hoje reconhecido pelos Estados e também organismos internacionais, parece ser o objetivo dos movimentos ciganos, que buscam esta integração cultural, em uma dimensão internacional sem perder as características e símbolos locais, definidos pela tradição.

Assim, mesmo que para muitos ciganos a atuação política destas organizações seja restrita, ou mesmo que muitos ciganos jamais saibam de sua existência, podemos encontrar um sentimento de comunidade mais intenso e amplo através do *romanes*. Os ciganos, inclusive aqueles ativistas que lutam pelo *Romanesthan*, procuram o reconhecimento de sua própria diversidade. A busca de uma identidade cigana não pretende se encerrar na uniformidade cultural de grupos estanques, pelo contrário, esta nova identidade pretende dar vida e promover a riqueza de diversidade cigana animada pelo *romanes*.

O que parece haver de semelhante entre as experiências políticas de ciganos europeus e brasileiros estaria na revelação de um estilo peculiar de ação política. A etnização cigana da política como meio concreto de integração e fusão do local e do global, enfim, a construção simbólica de uma comunidade transnacional, através de discursos e práticas singulares ao modo de ser cigano.

Bibliografia

- ACTON, T. *Gypsy Politics and Social Change*. Londres: Roudedge & Regan Pail. 1974.
- ADOLFO, S. P. *Rom: uma odisséia cigana*. Londrina: Editora UEL, 1999
- BARTH, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, Ed. Contra capa, 2000.
- _____. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: *Teorias da Etnicidade*. Putignatt, P. Streiff-Fenart, J. São Paulo: Fundação editora Unesp, 1998.
- BARBU, Z. O conceito de identidade na encruzilhada. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, 1980, n. 78.
- BHABHA, H.K. Introdução: locais de cultura, In: *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Ed: UFMG, 2005

- BLOCH, J. *Les Gitanos*. Barcelona: Aymá, 1965.
- BORHEIM, G. O conceito de tradição. In: *Tradição-Contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- BOURDIEU, P. *A Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Ática, 2004.
- _____. *As Estruturas Sociais da Economia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- _____. *A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2001.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- BRANDÃO, C. R. *Identidade e etnia: Construção de pessoas e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUENO, V. R. S. *Espacialidade e territorialidade dos grupos ciganos na cidade de São Paulo*. São Paulo: USP, 1990. (dissertação de mestrado)
- BUEZAS, C. *Espanha racista? voces payas sobre los gitanos*. Barcelona: Antrophos, 1990.
- _____. *Los racistas son los otros: Gitanos, minorias, y derechos humanos em los textos escolares*. Madri: Popular, 1989.
- CARDOSO, Ruth. (org). *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CANEVACCI, M. *Sincretismos*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. Etnicidade: da Cultura Residual mas Irredutível. In: *Revista de Cultura e Política*, 1978.
- CHINA, J.B. *Os Ciganos do Brasil: subsídios históricos, etnográficos e lingüísticos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- CLÉBERT, J.P. *Los Gitanos*. Barcelona: Aymá S/A Ed. 1965.
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: *Clifford, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organização: GONSALVES, J. R. S. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- COELHO, F.A. *Os Ciganos de Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- COHEN, A. *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ELIAS, N. *O Processo civilizador: uma historia dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FERREIRA, M.O.V. Diferenças culturais e desigualdade educativa: o caso da minoria étnica cigana na Espanha. In: *Fragmentos da Globalização na Educação*, Porto Alegre, ARTMED, 1999.

- FIGOLI, L.H.G. *A Emergência de uma Identidade Regional no Campo das Relações Interétnicas*. Anuário Antropológico 82, Fortaleza: Edições UFC/ Tempo Brasileiro, 1984.
- FONSECA, I. *Enterrem-me em pé – a longa viagem dos ciganos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FRASER, A. *Historia do povo cigano*. Lisboa, Ed. Teorema, 1997.
- GEERTZ, C. *O Saber Local. Novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- _____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Koogan, 1989.
- _____. Ritual and Social Change: a Javanese Example. In: *American Anthropologist*. Vol. 59, n. 1, 1957.
- GHEORGHE, N. The Social Construction of Romani Identity. In: Acton.T. *Gypsies Politics and Traveller Identity*. University of Hertfordshire, 1997.
- GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. São Paulo, Ed. Vozes, 1985
- GUIMARAES, S. *Paisagens & Ciganos*. Rio Claro: Departamento de Geografia da UNESP. 1996. (tese de doutorado).
- HANCOCK I. *The Pariah Syndrome*. Karoma Publishers, Ann Harbor, 1987.
- HANNERZ, U. *Fluxos, Fronteiras, Híbridos: palavras chaves da antropologia transnacional*. Rio de Janeiro, Mana, vol.3 n.1, 1997.
- HOFBAUER, A. *Da raça à identidade: da disputa por paradigmas da “Ciência do outro”*. Cadernos de Campo, Revista dos alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, n. 5/6, 1997.
- HOFFMANN, C. C. *A alma roubada: um estudo de um grupo cigano em Jaraguá do Sul*. Blumenau: Instituto de Pesquisa Social, 1992.
- KOSMINSKY, E. V. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: KOMINSKY, E. (Org.). *Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. São Paulo: Unesp Marília Publicações/FAPESP, 1999.
- _____. *Pesquisas Qualitativas – A Utilização da Técnica de Histórias de Vida e de Depoimentos Pessoais em Sociologia*. São Paulo: Ciência e Cultura, v. 38, n. 01, 1986.
- LIEGEOUS, J.P. *Los Gitanos*. México, Fondo de Cultura Económica. 1988.

- MARCUS, G. *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial*. Revista de Antropologia, vol. 34, 1991.
- MARTINEZ, N. *Os Ciganos*. Campinas, Papirus, 1989.
- MEZAN, R. Identidade e Cultura. In: *A vingança da esfinge*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- MICELA, R. *Antropologia e Psicanálise – uma Introdução à Produção Simbólica, ao Imaginário e à Subjetividade*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- MOONEN, F. *Contribuição à historia da ciganologia no Brasil*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ano X, 1982.
- _____. *Ciganos Calon no sertão da Paraíba*. João Pessoa: PR/PB Caderno de Ciências Sociais 32, 1994.
- _____. *As minorias ciganas e o Direito: projeto de estudo interdisciplinar*. Cadernos de Ciências Sociais 36, João Pessoa: MCS/UFPB, 1995.
- _____. *A Historia esquecida dos Ciganos no Brasil*. João Pessoa: Saeculum Revista de Historia, UFPB, 1996.
- MORAES FILHO, M. *Os Ciganos no Brasil e o cancionero dos Ciganos*. São Paulo, Itatiaia, 1981.
- NOVAES, S.C. *Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos Outros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- OLIVEIRA, R.C. Problemas e Hipóteses Relativos à Fricção Interétnica: Sugestões para uma Metodologia. In: *América Indígena*, México, XXVIII, 2. 1968.
- _____. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976.
- ORLANDI, E. Uma Retórica do Oprimido - os Discursos de Representantes Indígenas. In: *Encontros de Sociolinguística e Análise do Discurso*. Paris, MHS, 1984.
- PIERONI, G. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas. Os degredados no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Bertrand Filho. Fundação Biblioteca Nacional, 2000.
- POUTGNAT, P. e FREYNART. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Ed Unesp, 1998.
- REZENDE, D.F.A. *Transnacionalismo e Etnicidade: A Construção Simbólica do Romanesthán (Nação Cigana)*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (dissertação de mestrado)
- RIBEIRO, D. *Convívio e Contaminação*. São Paulo, Sociologia, vol. XVIII n.1, 1956.

- RODRIGUES, M.C. *A representação dos ciganos na literatura brasileira*. Marília, UNESP, 2001 (Dissertação de mestrado)
- RUBEN, G. R. Teoria da Identidade: uma crítica. *Anuário Antropológico*, n. 86, Brasília, 1988.
- SAHLINS, M. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- _____ *O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção. (parte I)*. Rio de Janeiro: Mana – Estudos de Antropologia Social, Museu Nacional, v. 3, n. 1, 1997 b.
- _____ *O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção. (parte II)*. Rio de Janeiro: Mana – Estudos de Antropologia Social, Museu Nacional, v. 3, n. 2, 1997 b.
- SAN-ROMAN, T. *Entre la marginacion y al racismo: reflexões sobre la vida de los gitanos*. Madri: Alianza, 1986
- _____ *Gitanos de Madri e Barcelona: ensaios sobre aculturação e etnicidad*. Barcelona: Bellaterra, 1984.
- SANT'ANA, M.L. *Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.
- SEYFERTH, G. *Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos*. São Paulo: Travessia, v. 51, p. 5-15, 2005.
- _____ *Estudos sobre a reelaboração e segmentação da identidade étnica*. São Paulo: Cadernos CERU (FFLCH/USP) v. 2, n. 13, 2002.
- _____ *Etnicidade, Política e Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Mana – Estudos de Antropologia Social, v. 5, n. 2, 1999.
- _____ *A invenção da raça e o poder discriminatório dos estereótipos*. Rio de Janeiro: Anuário Antropológico, v. 93, 1995.
- SOUZA, M.A. “Casa de Calon”: diacríticos domésticos e signos exteriores de afiliação étnica no espaço urbano. In: *Cultura e Ciudad: la casa, la calle y el barrio em las etnografias urbanas*. Cord. Neiva Vieira da Cunha. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- TEIXEIRA, R. *Correria de Ciganos pelo território mineiro (1808-1903)*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (dissertação de mestrado)
- TODOROV, T. *Vida em Comum: Ensaio de Antropologia Geral*. Campinas: Papyrus, 1996.
- TUNER, V.W. *O Processo Ritual estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, M. Comunidades étnicas. In: *Economia e Sociedade*. Brasília: Ed. UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.